Violência juvenil

# Adolescentes usaram 50% das armas apreendidas em JF

**Das 48 apreensões entre janeiro e novembro, metade foi com garotos entre 14 e 18 anos, que têm facilidade para obter armamentos nos próprios bairros**

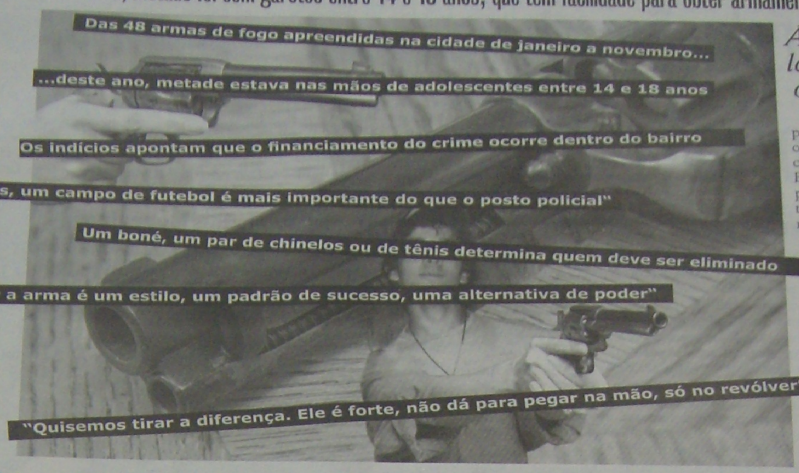
DANIELA ARBEX
REPÓRTER

Qual é o preço da vida? Para muitos adolescentes de regiões periféricas da cidade, um boné, um par de chinelos ou de tênis determina quem deve ser eliminado. E, a motivação da violência é pueril, o meio empregado para intimidar o "inimigo" está muito distante do universo da infância e juventude. Pesquisa realizada com exclusividade pela Tribuna revela que, das 48 armas de fogo apreendidas na cidade de janeiro a novembro deste ano, metade estava nas mãos de adolescentes entre 14 e 18 anos. Outras cinco foram encontradas com rapazes entre 19 e 20 anos, o que eleva para 29 as ocorrências com armas envolvendo a população jovem.

Do total de armamentos recolhidos, 14 são referentes ao revólver calibre 32 e 18 ao modelo calibre 22, considerado um dos mais baratos do mercado. Doze são do calibre 38 e apenas cinco são pistolas, armas mais modernas e caras. As restantes são três garruchas e uma sem identificação. Apesar de boa parte desses armamentos apresentar numeração de série, consulta realizada pelo jornal junto ao cadastro nacional de armas revela que há modelos registrados com a mesma sequência numérica, o que sugere origem clandestina. Embora a feira da Avenida Brasil seja o local da cidade citado pelos garotos para a compra dos equipamentos, os indícios apontam que o financiamento do crime ocorre também dentro do próprio bairro onde o jovem reside.

Parte dessas armas é adquirida por meio do rateio feito por gangues. Foi desta maneira que V., 15 anos, conseguiu comprar, por R$ 150, o revólver calibre 22 que ele e três amigos, entre 12 e 15 anos, usariam para se vingar de outro jovem nas imediações de um colégio estadual da Zona Sul, região onde moram. Há duas semanas, o grupo decidiu utilizar a arma para "jurar" o rapaz com quem haviam se desentendido por causa de garotas, do furto de bonés e de chinelo de dedo. Na primeira briga deles com o "grupo rival", um colega de V. sofreu traumatismo craniano provocado por um golpe com taco de sinuca. Do episódio com o taco de sinuca até a compra da arma, passaram-se poucos meses.

"Quisemos tirar a diferença. Ele é forte, não dá para pegar na mão, só no revólver", afirmou T., uma criança de 12 anos, de aparência franzina, durante a entrevista realizada dentro da casa de V. Na moradia de apenas dois cômodos, localizada no ponto mais alto de um escadão, os quatro garotos envolvidos tentavam justificar o ocorrido. "A idéia foi de todos. Estávamos só tomando prejuízo. Como não tínhamos o dinheiro, fomos juntando. Se tivéssemos encontrado ele, o pior aconteceria", admite V., 15, aluno da quinta série do ensino fundamental. Filho de uma doméstica desempregada, que mantém a casa com menos de R$ 200 mensais, o adolescente não tem planos para o futuro e sonha apenas com um tênis de marca cujo valor é R$ 600. "Não tenho como comprar para ele esse tênis. Com bicos, consegui pagar, à prestação, um de R$ 200. Me custou muito esforço, mas a molecada toda do bairro usa e conheço muito menino daqui que começou a roubar para ter essas coisas e a vender droga para andar arrumadinho", revelou a mãe de V. A conversa foi interrompida neste ponto pela chegada de um dos "donos" do bairro. Incomodado com a presença da equipe de reportagem, decretou o fim da entrevista. Na saída, a mãe de V. explicou: "Os traficantes não gostam que a polícia ou estranhos venham aqui, porque atrapalham o movimento."




## 'Alternativa de poder para se impor'

Apesar de o tráfico ser uma das portas de entrada do jovem na criminalidade, a banalização da violência entre adolescentes indica que a droga não é a única motivação para uma conduta desviante. Muitos se reúnem em grupo para demarcar território e alcançar status. Há duas semanas, Z. 13 anos, aluno de uma escola estadual localizada na Zona Norte, região com o maior índice de apreensão de armas (ver mapa), foi encontrado na entrada do colégio com um revólver calibre 22 dentro da mochila. Segundo a mãe do garoto, ele alegou ter comprado a arma para se "defender" das ameaças de outros meninos. Ela conta que, até os 12 anos, Z. era um menino caseiro e não apresentava problemas de comportamento, nem de rendimento escolar. As sucessivas repetições de série começaram a partir desse período, quando o estudante, que gosta de bonés e roupas de marca, foi cercado a caminho da escola por adolescentes da mesma região.

"Achei que fosse briga de criança, mas percebi que não. Ele ficou machucado no braço e nas costas e perdeu o interesse em ir à aula. Há pouco tempo, um rapaz de 17 anos foi morto a pedradas, bem ali, por causa de rixa entre bairros. Essa violência preocupa muito, porque ficamos no meio do fogo cruzado. Tenho medo que a pessoa que forneceu a arma para Z. se vingue de nós", revelou a mãe do menino que dobra sacolas de papel para aumentar a renda familiar. A cada mil sacolas, ela recebe R$ 9.

Para o doutor em ciências sociais, Rudá Ricci, a violência juvenil tornou-se estilo de vida. "A agressividade juvenil não tem correlação com a condição social, porque adolescentes de classe média e alta têm o mesmo grau de violência. No entanto, nas camadas populares, usar a arma é um estilo, um padrão de sucesso, uma alternativa de poder para se impor diante da falta de reconhecimento social. Muitos jovens começam por brincadeira, mas acabam seguindo carreira. Porém, nunca completam 30 anos", analisa.

Rudá tem razão. Homens jovens, a maioria entre 18 e 29 anos, aparecem entre as principais vítimas das execuções efetuadas ano passado em Juiz de Fora, a maioria por arma de fogo. O relatório de óbitos de 2007, divulgado pela Secretaria de Saúde, indica que, das 38 mortes de residentes da cidade que tiveram a agressão como causa (homicídio, lesão corporal seguida de morte, entre outros), 16 correspondem a faixa etária de 20 a 29 anos, o que significa 42% dos casos. Entre as causas externas de mortalidade, as provocadas por agressão perdem apenas para as ocasionadas por acidentes de trânsito, responsável por 55 óbitos no ano passado. Já o Caderno de Informações do Ministério da Saúde mostra que a situação de vulnerabilidade da juventude juizforana não é recente. Segundo o documento, publicado em 2005, 75% dos óbitos registrados entre jovens de 15 a 19 anos em Juiz de Fora foram provocados por causas externas (violência no trânsito, assassinato, suicídio, entre outros).

O relatório "Mortes matadas por armas de fogo no Brasil", publicado pela Unesco, em 2005, mostra que, das 550 mil mortes por armas de fogo ocorridas no país entre 1979 e 2003, 205,722, isto é, 44,1% das vítimas eram pessoas entre 15 e 24 anos. Os dados indicam que, proporcionalmente, morrem mais que o dobro de jovens do que nas outras faixas etárias.

**Realidade de contrastes:** enquanto na Vila Esperança II crianças não têm onde brincar,no Bairro Santa Luzia projeto social dá novo direcionamento para uso da praça e ensina meninos valores pela prática do futebol



FOTOS: Fabiano Fagundes

## Áreas com mais lazer têm menos ocorrências

A juventude armada é vista com preocupação pela Polícia Militar. O comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar, tenente-coronel Anselmo Fernandes, acredita que o acesso da população jovem a armas de fogo tem origem no passado, quando, até 1997, não havia rígido controle do comércio desse tipo de equipamento no país. No entanto, ele defende que o combate à violência vai além da ação policial.

"Isso passa pela questão da prevenção primária, com intervenções do poder público nas áreas vulneráveis, a partir da criação de projetos sociais e de equipamentos públicos de lazer, com a presença de professores de educação física. Costumo dizer que, às vezes, um campo de futebol é mais importante do que o posto policial, porque o posto combate a conseqüência, mas não atua na causa", explica.

Afinado com esse discurso, o coordenador do curso de ciências sociais da PUC-Minas, o ex-secretário adjunto de Defesa Social, Luiz Flávio Sapori, defende a implantação de políticas de prevenção social voltadas para a população entre 15 e 25 anos que ofereçam alternativas de qualificação profissional, inserção no mercado de trabalho, mas, sobretudo, alternativas de lazer e sociabilidade. "A sedução que o crime, principalmente o tráfico, exerce sobre esses jovens não está na dimensão material do tráfico, mas em sua dimensão simbólica. O fato de ser em grupo, coletivo, no sentido de promover a auto-estima do jovem, dando-lhe respeito, visibilidade. A política de prevenção social deve oferecer os elementos que o tráfico oferece: estima, visibilidade, companheirismo. Mas como? Através da música, das artes, do esporte, do hip-hop. Acredito que são essas atividades culturais que têm potencial enorme de formar valores, de agregação, de sedução desse segmento jovem. A idéia é criar as gangues do bem. Isso muda a identidade desses adolescentes, faz com que comecem a se ver de outra maneira, que passem a acreditar na vida e nas instituições", salienta Sapori. Ele destaca que esse deve ser o eixo principal de uma política de contenção da violência nos grandes centros urbanos.

De fato, a pesquisa realizada pela Tribuna indicou que áreas sem equipamentos públicos de lazer ou com espaços precários estão mais presentes nas estatísticas de violência do que outras. Um exemplo disso é a Vila Esperança II, bairro da Zona Norte com o maior registro de apreensão de armas. Sem lazer, acesso a cultura ou ao esporte, a rua é o único espaço da brincadeira entre as crianças. "O bairro é abandonado. Boa parte dos jovens que hoje estão armados ou vendendo drogas cresceu aqui, na rua, sem qualquer acompanhamento", revela Glauciane Silva, 26 anos, mãe de cinco filhos.

Ao contrário da Vila Esperança, bairros com uma atividade direcionada de lazer parecem estar menos vulneráveis ao crime. No Santa Luzia, o projeto Cidadania e Esporte da Subsecretaria de Esporte e Lazer, vinculada à Secretaria de Política Social, está levando o futebol para a praça e conseguindo envolver mais de cem meninos e meninas entre 7 e 15 anos. "O objetivo é a divulgação da prática esportiva, além de estimular a boa utilização do espaço público. Percebi que a quadra não era freqüentada por falta de bola. Com os equipamentos disponíveis e atividades direcionadas, as crianças e os adolescentes aprendem regras e valores. Dentro da quadra, não há gangues", diz o professor de educação física do projeto, Joubert Gomes.